

Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas

CLIPPING INTERNET

Rio de Janeiro – Agosto 2016

10/08/2016

<http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2016/08/bebe-e-picado-por-escorpião-em-sao-francisco-do-itapaboana-no-rj.html>

Bebê é picado por escorpião em São Francisco do Itapapoana, no RJ

Um bebê de 11 meses foi picado por um escorpião na noite dessa terça-feira (9) na localidade de Máquina, em São Francisco de Itapapoana, no Norte Fluminense. A criança foi socorrida para o Hospital Manoel Carola, no município, e em seguida transferida para Campos dos Goytacazes.

De acordo com a Secretaria de Saúde, o menino foi encaminhado para o Hospital Ferreira Machado (HFM), onde recebeu o soro antiescorpiônico e foi liberado na manhã desta quarta-feira (10).

A equipe de endemias do município informou que realiza trabalho de visitas às casas orientando a população sobre os cuidados que precisam ser tomados em relação a animais peçonhentos, como o escorpião.

São Francisco de Itapapoana está no topo das cidades do Estado do Rio de Janeiro onde os casos de ataques de escorpião tem aumentado consideravelmente, de acordo com estudo de doutorado da Fiocruz, feito por um biólogo do Instituto Vital Brazil. Os ataques têm assustado os moradores, que estão recolhendo por conta própria os animais nos quintais de suas casas.

De 2014 até abril de 2016 foram confirmados 93 casos de picadas de escorpião, com quatro mortes, segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde e dados da Prefeitura.

Proliferação

Uma moradora da localidade de Ingá, afirma que recolhe diariamente diversos escorpiões no quintal de sua casa e disse que o objetivo, além de provar que o município está sofrendo uma infestação dos bichos, é cobrar solução ao governo municipal.

“Meu vizinho tem dois potes desses, têm pessoas que guardam porque eles (Prefeitura) dizem que não têm, mas isso é uma prova que tem. Eles têm que tomar providência porque se não são outras vítimas e aí, como ficamos? Está virando uma epidemia”, critica Elizangela Lourenço dos Santos.

Por conta do crescente número de ataques e mortes por picadas de escorpião, o Instituto Vital Brazil, responsável pela produção de soro antiescorpiônico no Estado, realiza um mapeamento dos acidentes com escorpião em todos os municípios. A pesquisa foi iniciada na década de 90 e, em 2005, foi identificado um aumento no número de mortes.

“A partir disso, começamos a levantar os dados sobre aspectos sócio-econômicos, culturais, de ocupação do solo. Já temos um conhecimento do aspecto biomédico do problema, conhecemos a biologia, composição de veneno, como o veneno atua, o que causa, as manifestações clínicas, entre outros, nos falta esse outro lado”, disse o biólogo Claudio Maurício de Souza, que escreve uma tese de doutorado sobre o problema.

De acordo com a Prefeitura de São Francisco, em 2014 foram 50 pessoas picadas, em 2015, 35 pessoas e, em 2016, já são 8 casos confirmados de pessoas vítimas de escorpião. Os dados do Sinan, mostram que, em 2014, duas pessoas morreram; em 2015, uma criança morreu e em 2016 também uma criança foi vítima da picada e não resistiu.

Mesmo com o alto índice de ataques, o município não possui equipe médica capacitada, nem soro antiescorpiônico, e, segundo a própria Secretaria Municipal de Saúde, o motivo é a falta de estrutura adequada do município.

Em nota, a Saúde do município afirmou que "o soro antiescorpiônico não pode ser adquirido pelo município, ou seja, mesmo que queira, o município não pode comprar o soro por vias comerciais porque não é permitido pelo Ministério da Saúde. Reafirmamos que se trata de um protocolo do Ministério da Saúde que os municípios obrigatoriamente têm que seguir."

Mas questionado pelo G1, o município não informou se tem pretensão de se adaptar às normas do Ministério da Saúde para adquirir, por meio oficial, o soro. Além disso, a Secretaria Municipal de Saúde afirmou que acompanha a proliferação dos escorpiões apenas por meio de notificações dos ataques.

No entanto, a Secretaria de Estado de Saúde afirmou que em 2015 ofereceu capacitação em parceria com o Ministério da Saúde para todos os municípios do estado, e fez um alerta para que São Francisco de Itabapoana intensificasse as visitas nos bairros.

"[...] a equipe técnica da Subsecretaria de Vigilância em Saúde orientou a equipe local de vigilância ambiental e epidemiológica, quanto a necessidade de intensificar visitas domiciliares no bairro, para reforçar a orientação das medidas de prevenção", informou a Saúde através de nota.

Tese de doutorado

Em sua tese de doutorado, feita em colaboração com a Dra. Rosany Bochner, da Fiocruz, Cláudio Maurício aborda o escorpionismo no estado do Rio.

"O estudo é sobre o escorpionismo no Estado do Rio de Janeiro, dando especial atenção aos municípios mais impactados pelo problema, São Francisco do Itabapoana é um dos principais, senão, o principal, devido ao número de acidentes registrados anualmente e infelizmente aos óbitos recorrentes lá".

O estudo realizado de 2007 à 2014 aponta como principais indicações: subnotificação de acidentes, pouca influência dos óbitos em mudanças na abordagem do problema, falta de informações sobre o contexto das populações expostas, necessidade de análise multivariada para entender a complexidade do agravo por escorpião, necessidade de revisão dos critérios para acesso ao diagnóstico e tratamento, necessidade de melhoria no treinamento e capacitação dos profissionais de saúde envolvidos nos diferentes níveis de atenção ao escorpionismo.

O G1 também pediu posicionamento da Secretaria de Saúde quanto aos pontos identificados no estudo, mas nenhuma resposta foi encaminhada até a publicação desta matéria.

Para o biólogo, essas indicações mostram uma precariedade nas ações de combate e no tratamento, principalmente, no que diz respeito às equipes de saúde, que não são devidamente capacitadas.

“Estabelecer um programa de tratamento para os profissionais de saúde não é um problema grande de se resolver. Esse tratamento deve ser implementado o mais rápido possível”, ressalta Cláudio.